

EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DA SEXUALIDADE NA ADOLESCENCIA¹

Karina Andressa Cavalheiro Zimmermann², Alisson Vercelino Beerbaum³, Eva
Teresinha de Oliveira Boff⁴

¹ Narrativa Prática desenvolvida durante os componentes curriculares de Estágio em Enfermagem I e III

² Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu Educação nas Ciências da UNIJUÍ. E-mail: karina.cavalheiro@sou.unijui.edu.br

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu Educação nas Ciências da UNIJUÍ. E-mail: alisson.beerbaum@sou.unijui.edu.br

⁴ Doutora em Educação em Ciências. Professora credenciada ao Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu Educação nas Ciências da UNIJUÍ. E-mail: evaboff@unijui.edu.br

RESUMO

Introdução: Saúde e Educação são áreas de conhecimento essenciais, que quando articuladas possuem capacidade para promover a construção da qualidade de vida, e permitem fortalecer o processo de ensino-aprendizagem dos adolescentes, contribuindo para formação integral desses indivíduos. Nesse sentido, a educação em saúde torna-se uma excelente estratégia de ensino. **Objetivo:** Refletir sobre a contribuição dos estágios curriculares na formação do enfermeiro frente à educação sexual de adolescentes. **Resultados:** Este estudo resultou a partir da análise da realidade vivenciada no cotidiano dos serviços de saúde. Essas vivências possibilitaram a compreensão da necessidade da realização de atividades educativas voltadas para o processo de ensino da sexualidade na adolescência. **Conclusão:** Foi possível compreender que a articulação entre Educação e a Saúde é essencial para obter-se sucesso nas políticas públicas de educação sexual dos adolescentes. A educação em saúde mostrou-se uma estratégia adequada para a construção do conhecimento sexual seguro.

INTRODUÇÃO

Saúde e Educação são temas diretamente relacionados com a construção da qualidade de vida, e a articulação de ambos permite enriquecer o conhecimento relevante para a formação integral dos adolescentes, seja no atendimento à saúde, seja na vivência escolar. Assim, Saúde e Educação, compreendidas como dois âmbitos de atuação profissionais orientadores, demandam práticas pedagógicas cujo debate e desenvolvimento devem acompanhar a formatação do currículo dos cursos de instrução destes profissionais (CARVALHO, 2015).

A formação de adolescentes deve ter em conta que esta é a etapa categórica do desenvolvimento

humano, que concentra as mais abrangentes definições de corpo e de personalidade, devendo, portanto, partir da compreensão do conjunto indissociável de aspectos que compõem tal fenômeno, como biológicos, psicológicos, sociais e culturais. O desenvolvimento da expressão da sexualidade também é importante, pois é um traço humano que nunca se extingue, o que inclui aspectos afetivos, eróticos e amorosos que influem na construção das identidades, da história de vida, dos valores culturais, morais, sociais e religiosos. A complexidade da temática exige que seja desenvolvida tão cedo quanto possível e de maneira contínua, desde a educação familiar até a complementação pela escola e por profissionais de saúde, com atenção especial à construção da autoestima (CARVALHO, 2015).

Segundo Silva *et al.* (2020), o tema da sexualidade se destaca, entre acadêmicos brasileiros de Educação e Saúde, especialmente em relação à prevenção de Infecção Sexualmente Transmissível (IST) e de gravidez precoce, reflexos da curiosidade natural sobre a sexualidade combinada com o excesso de informação descontextualizada que os jovens recebem da mídia, das redes sociais, das questões sociais de gênero, da erotização do corpo, da menarca precoce, etc.

A vasta gama de aspectos envolvidos exige dos profissionais a melhor qualificação e muita sensibilidade na tratativa com os jovens, segundo Oliveira *et al.* (2014). Há políticas de atenção à saúde sexual e reprodutiva de adolescentes, mas muitas vezes os profissionais de saúde não aplicam ações direcionadas a coibir comportamentos de risco, o que incide em casos de IST e gravidez entre adolescentes, e isto é decorrente da parca formação dos profissionais para tal atuação (VIEIRA, 2016).

A Saúde como processo educacional exige uma equipe multidisciplinar para inculcar a promoção de comportamentos saudáveis (SILVA *et al.*, 2020). Isto aponta para a relevância do profissional de enfermagem na escola, para servir como mediador entre o conhecimento familiar e o conhecimento escolar que os estudantes terão de concatenar, a fim de que ajam com responsabilidade e informação, conhecendo a importância destas questões em suas vidas (SANTOS *et al.*, 2018). Para isso, são essenciais as atividades de pesquisa e extensão, oportunidades para participar ativamente do desenvolvimento de práticas inovadoras de ensino e aprendizagem (SILVA, 2017).

Portanto, este artigo expõe de forma reflexiva as ações desenvolvidas durante práticas da Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), que são relevantes pela iniciativa de incorporar as práticas pedagógicas ao currículo de formação de profissionais de saúde. Nesse sentido estabeleceu-se como objetivo do estudo, refletir sobre a contribuição dos estágios curriculares na formação do enfermeiro frente à educação sexual de adolescentes.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, desenvolvido por meio de uma Narrativa Prática, que emergiu a partir das atividades práticas decorridas durante os componentes curriculares de Estágio Curricular Supervisionado em Enfermagem I e III, do curso de Graduação em Enfermagem da UNIJUÍ. O estudo foi desenvolvido baseado nas vivências transcorridas no primeiro e segundo semestre de 2020, por uma acadêmica do último ano de graduação.

O campo prático das disciplinas é a Atenção Primária à Saúde (APS), portanto, este estudo desenvolveu-se em duas Estratégias Saúde da Família (ESF) de um município localizado no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, durante cada semestre o estágio ocorreu em uma ESF, sendo que cada um teve uma duração de aproximadamente dois meses, totalizando portanto, quatro meses de imersão nos serviços de saúde da APS. As ESF possuíam características bem distintas, com demandas variadas, portanto os aprendizados foram amplos e permitiram um olhar mais esmiuçado sobre as diversificadas necessidades de cada usuário.

No primeiro semestre a ESF sede de estágio, era localizada em um bairro socioeconomicamente mais carente, a população atendida consistia em sua maioria, um público mais jovem, com grau de escolaridade menor, com bastante demandas relativas ao processo de sexualidade, buscavam o serviço para realização de Teste Rápido (TR) (para IST e gravidez), queixas ginecológicas, tratamento para IST, planejamento familiar imediato e pré-natal, esses atendimentos eram diários, logo, a vivência com adolescentes que apresentavam esses anseios era muito frequente.

A segunda ESF, localizava-se em um bairro mais bem estruturado, com uma população de classe média, os atendimentos baseavam-se principalmente em suprir as demandas espontâneas dos usuários. As necessidades do processo de sexualidade, eram semelhantes ao serviço anterior, porém com queixas a um nível diferenciado, os usuários realizavam o acompanhamento com mais seriedade, ou seja, a evasão era menos frequente, e as queixas eram supridas mais rapidamente.

A atuação das enfermeiras, de cada ESF, também diferenciavam-se, as práticas e técnicas eram realizadas da mesma maneira, conforme os conhecimentos adquiridos no processo de formação, porém a imersão em cada caso de pacientes, era visivelmente distintas. Logicamente, cada profissional possui uma maneira pessoal de agir frente às demandas que enfrenta no serviço, entretanto a humanização e empatia pelos pacientes deve também ser uma prática do enfermeiro, essas características diferenciam qualitativamente os profissionais, e este aspecto reflete na práxis do enfermeiro e nas características da população que está sob seus cuidados.

Durante as atividades práticas o aluno tem oportunidade de atuar junto ao enfermeiro da unidade, e com sua supervisão, acompanhar e desempenhar funções assistenciais e de gestão. Por meio de um olhar crítico e esmiuçado, o estudante poderá identificar situações problemas que ocorrem no cotidiano do serviço e por meio de estudos e análises, elaborar estratégias com vistas a resolução

destes, tal tarefa, desperta no aluno pensamento de reflexão, e com isto, aprendizados e vivências de todas as funções que o enfermeiro desempenha na APS, o que contribuirá para sua formação acadêmica e profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A experiência prática que embasou a construção deste estudo, foi a análise da realidade vivenciada no cotidiano dos serviços de saúde, especialmente a observação da busca diária ao serviço por adolescentes, para realização de TR, no intuito de diagnosticar a presença de alguma IST. Tal fato leva a compreensão de que situações relacionadas ao processo de sexualidade são constantes nos serviços de saúde, e deve-se utilizar desses momentos para colocar em prática ações educativas, com vistas à promoção à saúde.

Diariamente pessoas, de diferentes faixas etárias, buscam o serviço de saúde para realizar TR, com vistas a investigar uma possível contaminação com alguma IST, grande parte desses indivíduos são adolescentes e/ou jovens. Esses momentos de realização de TR, são oportunidades também, para se trabalhar com educação em saúde, ação essa que quando realizada de maneira assertiva e inclusiva, provoca transformações qualitativas na saúde dos indivíduos.

Na adolescência, o processo de sexualidade pode tornar-se um problema, em razão da falta de informações corretas sobre educação sexual (RAMOS *et al.*, 2019). Existe uma grande necessidade em realizar-se ações educativas com a população de adolescentes, e é necessário compreender a importância que o manejo adequado dessa prática de saúde desempenha.

Neste sentido, os serviços de saúde precisam estar preparados para satisfazer a necessidade de conhecimento desses adolescentes, pois os serviços atuam também como um ambiente educativo, especialmente por ser o local mais indicado para tratar desses assuntos, por essa razão, é necessário que os serviços de saúde qualifiquem-se e busquem estratégias para a efetiva prática do cuidado ao adolescente.

Ao encontro disso, a prática de educação em saúde, é uma excelente estratégia de ensino, podendo ser a mais eficaz, para abordar a temática da sexualidade na adolescência. O procedimento de realização de TR, é um momento oportuno para a implementação das ações de educação em saúde. É evidente que essas ações educativas, são ainda uma emergente demanda, pois é grande o número de atendimentos para realização dos TR.

As vivências em campo de prática na área da saúde, possibilitou a compreensão da necessidade da realização de atividades educativas voltadas para o processo de ensino da sexualidade na adolescência, uma vez que é quantitativamente grande o acesso aos serviços de saúde, por indivíduos desta faixa etária. Os TR, são realizados constantemente, eles tornaram-se uma prática

diária nos serviços de saúde, porém a simples realização deste procedimento, por mero cumprimento dos deveres profissionais, é uma prática inadequada e poderá provocar grandes anseios nos indivíduos (pacientes).

Quando um adolescente busca a unidade com intuito de realizar TR, é extremamente necessário reforçar as orientações sobre as medidas de prevenção às IST, e esclarecer os prejuízos que a não prevenção causará na saúde e bem-estar. Ao encontro disso, Ramos *et al.* (2019) corroboram que a educação em saúde é uma excelente ferramenta para inovação das ações de intervenção no âmbito das IST.

Almeida *et al.* (2017), Silva *et al.* (2020) e Santos *et al.* (2020) afirmam que um dos principais motivos de contaminação às IST por adolescentes, é a falta de conhecimento destes. Nesta perspectiva, a educação em saúde é uma excelente metodologia transformadora. Um dos muitos papéis que o enfermeiro desempenha, e especialmente quando atua em uma ESF, é a função de educador em saúde, tanto que, faz parte das atividades do serviço, realizar ações educativas em escolas que pertencem a seu território, conforme previsto na Política Nacional de Atenção Básica (BRASIL, 2017).

Neste ínterim, destaca-se a inserção do enfermeiro no âmbito da educação em saúde para prevenção de IST em adolescentes, como mediador na articulação entre escola-comunidade-família, além disso, ele é um dos profissionais mais indicados e capacitados para realizar essas práticas educativas, e por meio dele, despertar ações e comportamentos seguros, pois o enfermeiro tem capacidade para abranger esse assunto, por um panorama mais amplo e completo (Santos *et al.*, 2018).

Os principais objetivos da educação em saúde são a prevenção a agravos à saúde e a promoção da saúde, esses aspectos quando implementados na população, repercutem em resultados satisfatórios, não só para a saúde pública, mas principalmente para o estado de saúde dos indivíduos, isto deve ser prioridade para os serviços de saúde, e por meio do estímulo ao engajamento dos adolescentes nesse processo, a educação em saúde conseguirá alcançar sua meta. Pois, dessa forma buscarão o serviço no anseio de prevenir problemas que o processo da sexualidade pode apresentar, e não buscarão suporte para o tratamento, somente quando acometidos de alguma IST ou outro agravo (SANTOS *et al.*, 2020).

Uma pesquisa publicada em 2017, por Cortez e Silva, desenvolvida com adolescentes estudantes, com objetivo de identificar as dúvidas dos alunos sobre as IST, revelou que, quando os adolescentes foram questionados sobre com quem desejariam aprender sobre as IST, indagaram optar pelos profissionais de saúde e de educação. A partir desse resultado, evidencia-se que a articulação entre saúde e educação na abordagem da temática sexualidade, é de extrema

relevância, e tem potencial para proporcionar qualidade de saúde e de ensino, repercutindo desta forma, em qualidade de vida.

Além da prática de educação em saúde nos próprios serviços de saúde, uma estratégia também muito eficiente é realizar ações educativas no ambiente escolar (CORTEZ; SILVA, 2017). Ainda os mesmos autores citados, inferem que, independentemente do local a ser praticada, a educação em saúde pode ser terapêutica e pedagógica, pois inclui o adolescente no processo de aprendizagem, estimulando a responsabilização por sua própria saúde, provocando a autonomia, o que lhes permite modificar seus hábitos de vida e promove a reflexão sobre o seu estilo de vida.

Galindo Neto *et al.* (2017) apontam que os profissionais de enfermagem são os profissionais de maior relevância para atuar no ambiente escolar como desencadeadores das ações educativas em saúde, o que possibilita a entrada da educação em saúde na escola, garantindo os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), como qualidade de vida, cidadania, equidade e solidariedade.

As práticas de educação em saúde, voltadas para prevenção de IST, não devem basear-se na proibição da realização de práticas sexuais, pois essa situação pode causar insatisfação no adolescente e provocar efeito contrário à prevenção. Portanto a educação em saúde deve fundamentar-se na orientação a prática sexual segura, e esta ação, consiste principalmente no incentivo ao uso de preservativos nas relações sexuais.

Por este fato, é importante que o adolescente seja instruído quanto à importância do uso, como realizar a colocação e retirada dos preservativos, e deve também ser orientado sobre a dispensação destes, lembrando-o que o serviço de saúde dispensa gratuitamente preservativos, tanto feminino, como masculino. Ainda, é importante ressaltar que o uso de preservativos possui outras funções além da prevenção às IST, ele é também um contraceptivo, e evita gravidez indesejada. A educação sexual atua como uma ferramenta norteadora, que visa garantir aos adolescentes, o desenvolvimento de um comportamento sexual seguro e saudável (SILVA *et al.*, 2020).

Para que essas práticas sejam conduzidas de maneira adequada e assertiva, é crucial que sejam desenvolvidas de maneira dinâmica, mas com seriedade, que seja utilizada uma linguagem adequada e clara para os adolescentes, apontando então, a importância da utilização de preservativos e discorrendo sobre as características das IST e o que fazer quando o adolescente for exposto a uma situação de relação desprotegida e como proceder no caso de infectar-se (RAMOS *et al.*, 2019).

CONCLUSÕES

Este estudo permitiu conhecer o cotidiano da atuação profissional de enfermagem em saúde sexual

e reprodutiva de adolescentes, sem afastar a compreensão da complexidade dessa realidade para além desta pesquisa. As atividades realizadas durante a disciplina de Estágio se constituíram muito importantes para a experiência profissional e pessoal, principalmente pela prática do conhecimento anteriormente visto em teoria, e também pela visão de novas situações que somente sobressaem no cotidiano profissional.

O contato da profissão deixa observar que a saúde coletiva é área que perpassa todas as outras, e que a vivência dos estudantes neste aprendizado permite tornarem-se protagonistas do processo de educação em saúde por meio da reflexão sobre hábitos pessoais e segurança das ações individuais e coletivas. A promoção do diálogo, da troca de experiências e informações sobre seus comportamentos sexuais, foi relevante para a quebra de estereótipos e para a construção de novos conhecimentos.

Portanto, a Educação e a Saúde se mostram campos que devem estar articulados para o sucesso de qualquer política pública sobre saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, pois a difusão de informações e a construção do conhecimento, constitui reflexões críticas e permite expressões sexuais seguras e saudáveis. Neste sentido, a realidade da Atenção Integral à Saúde na adolescência, fase de definições biopsicossociais, é nada mais que desafiadora, tanto pelas condições gerais de trabalho dos profissionais de saúde, quanto pela escassez de material para ações educativas, além de não ser uma prioridade das estratégias de saúde. Mesmo assim, há que se contribuir com a construção do conhecimento sobre este tema, que ainda apresenta muitos focos para reflexão e pesquisa de base epidemiológica sobre a saúde dos adolescentes da região nordeste do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Adolescência; Educação Sexual; Infecções Sexualmente Transmissíveis.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. A. A. S. *et al.* Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 5, p. 1087-94, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v70n5/pt_0034-7167-reben-70-05-1033.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. **Aprova a Política Nacional de Atenção Básica**, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 set. 2017. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. Acesso em: 29 dez. 2020.

- CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso

educacional no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 1, p. 119-136, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v23n1/0104-026X-ref-23-01-00119.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

- GALINDO NETO, N. M. *et al.* Primeiros socorros na escola: construção e validação de cartilha educativa para professores. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, v. 30, n. 1, p. 87-93, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v30n1/1982-0194-ape-30-01-0087.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

- OLIVEIRA, N. P. *et al.* Sexualidade na adolescência: um estudo com escolares da cidade de Manaus/AM. **Aletheia**, v. 43, n. 44, p. 129-46, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v48n168/1980-5314-cp-48-168-550.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

- RAMOS, F. B. P. *et al.* A educação em saúde como ferramenta estratégica no desenvolvimento de ações de prevenção da transmissão do HIV: um relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. Sup, n. 19, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/509/307>. Acesso em: 28 dez. 2020.

- SANTOS, S. C. *et al.* Oficinas de educação em saúde: sensibilização dos adolescentes sobre as infecções sexualmente transmissíveis. **Revista Caravana - Diálogos entre Extensão e Sociedade**, v. 5, n. 2, p. 43-62, 2020. Disponível em: <http://caravana.ifpe.edu.br/index.php/caravana/article/view/652/pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.

- SANTOS, M. K. L. F. *et al.* Estratégias de educação sexual a partir da percepção de estudantes de uma escola pública. *Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*, v. 63, n. 2, p. 90-95, 2018. Disponível em: <http://arquivosmedicos.fcmsantacasasp.edu.br/index.php/AMSCSP/article/download/333/414>. Acesso em: 26 fev. 2021.

- SANTOS, V. R. P. Os desafios da educação sexual no contexto escolar: o papel da enfermagem. **Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica**, v. 7, n. 3, p. 2236-2150, 2018. Disponível em: <https://ojs2.ifes.edu.br/index.php/dect/article/view/677/589>. Acesso em: 25 fev. 2021.

- SILVA, M. B. T. **Inserção do acadêmico de Enfermagem em atividades de pesquisa e extensão universitária uma estratégia de ensino**. Tese de Doutorado. Fundação Oswaldo Cruz, 2017. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/23823/2/margarete_silva_ioc_dout_2017.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.

- SILVA, N. V. M. *et al.* Educação em saúde com adolescentes sexualidade e prevenção de IST. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/>

index.php/rsd/article/view/5436/4553. Acesso em: 28 dez. 2020.

- VIEIRA, S. B. F. **Sexualidade e adolescência: concepções acerca da educação sexual no ambiente escolar**. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2016. Disponível em: <https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/7618/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Stephania%20Normalizada.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2020.